



Gabriel Domingues (de preto) com Robério Diógenes (Delegado Euclides), Ítalo Martins (Arlindo) e Igor de Araújo (Sérgio) durante a estreia de 'O Agente Secreto', em Cannes

Tem carioca na rota do Oscar

Com **quatro indicações ao Oscar**, 'O Agente Secreto' é uma **usina que revela a potência artística do povo nordestino**. Mas a **produção de elenco**, que pode nos dar uma estatueta, **tem DNA do subúrbio carioca**, mais precisamente de **Jacarepaguá**. Foi lá que nasceu e cresceu **Gabriel Domingues** que conta a **Rodrigo Fonseca** como foi **montar um elenco afinado** em torno do astro **Wagner Moura**.

Páginas 2 e 3

ENTREVISTA | GABRIEL DOMINGUES

PRODUTOR DE ELENCO



‘Gosto de pensar o casting como uma curadoria humana’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Celebração estética das potências criativas do Nordeste, com talentos da Bahia, da Paraíba, de Alagoas, do Ceará, do Rio Grande do Norte e (sobretudo) do Recife, que lhe serve de cenário, “O Agente Secreto” cavou uma de suas quatro indicações ao Oscar por vias cariocas... de essência suburbana das mais resilientes (e cinéfilas): Gabriel Domingues. Foi ele quem estruturou o elenco do thriller ambientado em 1977, que o diretor pernambucano Kleber Mendonça Filho rodou tendo um baiano de Rodelas, Wagner Moura, como aríete na busca por prêmios e consagração. Esse trabalho de escalar (ou produzir) um coletivo de estrelas para um filme se chama, na indústria, casting. Pela primeira vez após 97 edições da premiação anual da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, surgiu uma categoria para honrar essa função.

Domingues está no páreo. Disputa com Nina Gold (“Hamnet”), Jennifer Venditti (“Marty Supreme”), Cassandra Kulukundis (“Uma Batalha Após A Outra”) e Francine Maisler (“Pecadores”). Na conversa a seguir, ele explica ao Correio da Manhã como foi combinar Wagner Moura com divas natas como Tânia Maria (a intérprete de Dona Sebastiana) e astros em ascensão como Robério Diógenes, o “sujeito imperfeito” conhecido como Delegado Euclides, pai dos policiais Arlindo (Ítalo Martins) e Sérgio (Igor de Araújo).

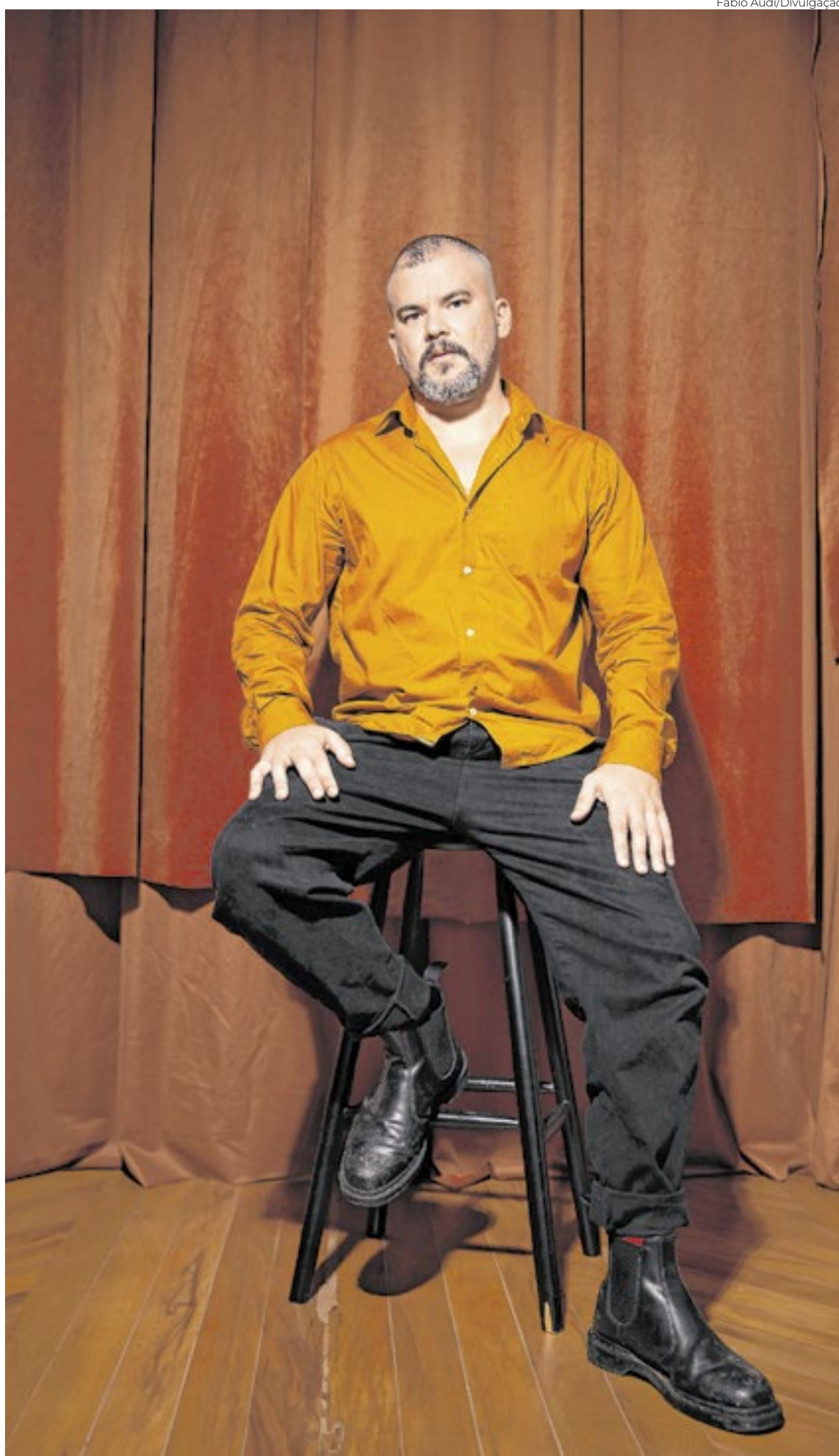
Com 1,7 milhão de ingressos vendidos em solo nacional, “O Agente Secreto” leva o talento de Domingues ao Festival de Roterdã nesta sexta e passa pela Mostra de Tiradentes, em Minas Gerais, na tarde de sábado.

“Nasci em Jacarepaguá e cresci no subúrbio. Circulei muito pelas Zonas Norte e Oeste durante a adolescência. Isso me deu uma abrangência muito grande de tipos humanos”

Como funciona, na prática, um trabalho de casting?

Gabriel Domingues - Um trabalho de casting é a construção de um pensamento em relação à escolha e à escalação do elenco de um filme. Isso significa estar numa troca permanente com as pessoas que guiam o processo, como o diretor e o produtor. No caso de “O Agente Secreto”, essa troca foi principalmente com a produtora, a Emilie Lesclaux. A gente está sempre conversando

para entender como vai ser essa escalação, como o filme vai se representar por meio dos atores. Quando existe um roteirista que não é também o diretor, ele pode participar desse processo, porque o casting fala muito de personagem. Nosso grande referencial é sempre o personagem. Gosto de pensar o casting como uma curadoria humana. É a escolha dos humanos que vão estar construindo e povoando esse filme, essa imagem, esse universo cinematográfico.



Fabio Audi/Divulgação



O primeiro trabalho do carioca Gabriel Domingues com o recifense Kleber Mendonça Filho foi em 'Aquarius' quando ainda era assistente de elenco



O próximo projeto em que Domingues está envolvido é um longa, ainda sem título, de Leonardo Lacca, assistente de direção de Kleber Mendonça Filho, com produção de Emilie Lesclaux



Victor Jucá/CinemaScopio

Tânia Maria, Maria Fernanda Cândido, Alice Carvalho e Carlos Francisco são destaques no elenco selecionado por Gabriel Domingues



CinemaScopio



Victor Jucá/CinemaScopio



CinemaScopio

“Ter o Wagner (Moura) como centro permitiu fazer escalasções menos óbvias, mais originais, dando ao filme um fôlego maior de autenticidade”

O que a criação de uma categoria para essa função sinaliza sobre a indústria do cinema?

Sinaliza um passo muito importante da indústria, porque reconhece que quem trabalha com isso também é pensador do filme, das suas camadas, do seu sentido, do seu discurso, do filme como ideia. Isso dá um lugar de autoria, de criação e de reconhecimento

artístico para esses profissionais.

Como é a dinâmica de criação com Kleber Mendonça Filho e como foi dar vida ao universo de tipos que traduzem seu Brasil de 1977?

Eu já tinha trabalhado com o Kleber antes. O primeiro filme que fiz no departamento de casting foi “Aquarius”, há cerca de

dez anos, quando eu ainda era assistente de elenco. Já conhecia um pouco a forma do Kleber de trabalhar. A dramaturgia dele passa muito por um lugar de crônica, de comentário social, cultural e político. Ele pensa o cotidiano brasileiro como comentário sobre a sociedade e sobre o pensamento do Brasil. No caso de “O Agente Secreto”, havia uma questão muito forte de traduzir

o universo de 1977, que foi um momento muito específico do país. Usamos muito material de arquivo e pesquisa para pensar as imagens, a identidade das pessoas e como era a cara do povo brasileiro naquela época. Também existia uma vontade de entender as cenas como possibilidade de refletir sobre questões sociais e de representação. O Brasil vivia quase dez anos de ditadura mi-

litar, com desigualdades muito profundas e abandono de certas camadas da população. Pensamos muito nos cruzamentos entre raça, classe e gênero. O casting é um lugar onde essas questões podem ser pensadas e onde se decide que tipo de comentário o filme vai fazer sobre tudo isso.

De que maneira ter um protagonista como o Wagner Moura muda o curso de um longa na construção de um elenco?

O Wagner é uma estrela, uma pessoa muito reconhecida e um artista muito renomado. Ter ele como protagonista cria um centro gravitacional muito claro para o filme, um eixo muito bem estabelecido. Isso dá a possibilidade de pensar o entorno dele de várias formas, inclusive trabalhando com atores em diferentes estágios da carreira: pessoas que nunca tinham feito cinema; pessoas que já tinham feito outros filmes do Kleber; e outras ainda pouco conhecidas do público. Esse sistema de escalação mistura faces conhecidas e não conhecidas, o que ajuda a refletir a diversidade e também a seduzir o espectador, conduzindo a narrativa pelas figuras humanas. Ter o Wagner como centro permitiu fazer escalasções menos óbvias, mais originais, dando ao filme um fôlego maior de autenticidade.

Você aprendeu a amar cinema depois de ver ‘Kill Bill’ (2003) no extinto Cine Palácio, no Passeio. De que maneira as andanças pelo Rio moldaram seu olhar?

Nasci em Jacarepaguá e cresci no subúrbio. Estudei em vários lugares: Madureira, Méier, Jacarepaguá, Vila Valqueire, Barra. Circulei muito pelas Zonas Norte e Oeste durante a adolescência. Isso me deu uma abrangência muito grande de tipos humanos. Lembro que, no ensino médio, pegava o trem da Central todos os dias para Madureira, e aquilo sempre me intrigou: a diversidade de pessoas, imigrantes, classe operária, camadas populares. Isso fez com que nunca tivesse medo de explorar o Brasil e me interessar por todo tipo de gente.

Quais são seus novos projetos?

No momento, não consigo pensar em novos projetos ainda, pois preciso deixar passar esse tsunami do Oscar. Estou fazendo o novo filme do Leonardo Lacca, que foi assistente de direção em “O Agente Secreto” e que será produzido pela Emilie, mas ainda estamos todos assimilando esse momento.



'A Voz de Hind Rajab', de Kaouther Ben Hania, recria com atores as reações do time de voluntários do Crescente Vermelho às voltas com a ligação de Hind Rajab

Um alô para exorcizar a tragédia

Indicado ao Oscar, 'A Voz de Hind Rajab' combina encenação com elementos reais, sob a direção de Kaouther Ben Hania para recriar um massacre onde uma garotinha lutou pela vida



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Faltando um dia para o Natal, a cineasta tunisiana Kaouther Ben Hania não desligava do Zoom, a atender conversas mais de tom humanitário do que cinematográfico sobre o filme que lhe rendeu uma indicação ao Oscar, "A Voz de Hind Rajab", uma produção responsável por fazer a indústria audiovisual pensar sobre o fracasso do processo civilizatório. O fiasco nos

é exposto por uma menininha palestina. Uma menina morta. Hind Rami Iyad Rajab (2018-2024) morreu pouco antes de chegar aos seis anos, em meio a uma ofensiva na Faixa de Gaza. Estava no carro com seus parentes quando a troca de tiros começou. Assustada ao perceber que sua família não se movia mais, ela agarra um celular e liga para um serviço de emergência.

O time que a atende percebe algo muito grave e tenta, como pode, fazer com que a garota não sucumba de medo e mantenha a esperança. Uma mobilização se dá na

central de chamadas do Crescente Vermelho (braço da Cruz Vermelha), com voluntárias e voluntários a buscar formas de enviar um resgate para Hind. Isso até o momento em que ela se cala. Calou-se de 19 de janeiro de 2024, quando morreu, até setembro de 2025, quando seus relatos se espalharam pelo Festival de Veneza, onde sua história, transformada num experimento entre encenação e documento, foi coroada com o Grande Prêmio do Júri. O longa estreia agora no Brasil.

"Quando soube desse caso, eu perdi a fé, apesar de ver todo o em-

"Quando soube desse caso, eu perdi a fé, apesar de ver todo o empenho assistencial do povo do Crescente Vermelho. Quando eu ouvi as gravações de Hind, minha esperança foi renovada. Por isso eu precisava dela em cena"

KAOUTHER BEN HANIA

dos meus horizontes: não haveria uma única gota de sangue em cena. E não há", explica Kaouther. "Querida que a violência fosse expressa pelas sensações de quem escuta, de quem acolhe... e pelo relato".

Nos créditos de produção de "A Voz de Hind Rajab", encontra-se um grupo estelar: Brad Pitt, Joaquin Phoenix, Rooney Mara, Jonathan Glazer, Alfonso Cuarón, Spike Lee e Michael Moore. Cada um apoiou o trabalho da cineasta como conseguiu. O trabalho anterior dela, "As Quatro Filhas De Olfa" (2023), ganhou o troféu L'Oeil d'Or no Festival de Cannes ao borrar fronteiras do que foi vivido e do que é reconstituído ficcionalmente numa família de mulheres assoladas pela brutalidade na Tunísia. Ali, ela já provou não apenas a destreza em alternar formatos narrativos distintos, como um altruísmo que se expressa um casamento poético entre o melodrama, o documentário e a reflexão sociológica.

"Precisamos de distanciamento para entender tragédias", diz Kaouther, que, aos 48 anos, fez seu primeiro filme, o curta "Brèche", em 2005, sendo indicada pela primeira vez ao Oscar em 2021, com "O Homem Que Vendeu Sua Pele".

Adversária de "O Agente Secreto", de Kleber Mendonça Filho, na disputa pela estatueta de Melhor Filme Internacional da Academia de Hollywood, a cineasta estará no Dolby Theatre, em Los Angeles, em 15 de março, para o anúncio das produções vencedoras. Leva à competição a certeza de ter feito a engenharia de filmagem mais difícil de toda a sua carreira.

"Primeiro de tudo: não é fácil produzir um filme desse, pois o mercado não está aberto aos exercícios que não se definem objetivamente de uma só forma, que buscam experimentar. Depois... havia o fato de que, aparentemente, seria um trabalho simples: uma só locação... poucos atores... material de arquivo. Pois não foi nada fácil. Naquele espaço, precisávamos de uma mecânica na qual o elenco de atores que representavam a equipe do Crescente Vermelho, emulasse os sentimentos que o atentado contra Hind provocou. A ideia de fazer um filme sobre essa história era tratar daquele episódio trágico com uma complexidade que as redes sociais não são capazes de dar", explicou a cineasta, num papo com o Correio da Manhã mediado pela Golden Globe Foundation.

Terminada a maratona do Oscar, Kaouther vai se dedicar a seu novo trabalho (já filmado), que se chama "Mimesis". É uma trama ambientada em duas épocas distintas, nos anos 1940 e nos anos 1990, na Tunísia, estruturada como saga familiar, mas atravessada por uma lenda local. No roteiro, discute-se o mecanismo pelo qual a ficção, o mito e o relato oral se sobrepõem à realidade factual, criando crenças coletivas difíceis de desmontar.

Brasil nos rastros do Tigre holandês

Gilvan Barreto/Divulgação

‘Yellow Cake’, com a estrela potiguar da hora, Tânia Maria, integram o bonde nacional que briga por aplauso no 55º Festival de Roterdã, incubadora de talentos autorais



‘Yellow Cake’ conta com Tânia Maria, a dona Sebastiana de ‘O Agente Secreto’, no elenco



‘Privadas de Suas Vidas’ leva o horror gore do Brasil para o evento holandês



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Ponto de partida da carreira internacional de Kleber Mendonça Filho nos longas-metragens de ficção, por ter sido a primeira vitrine, no mundo, de “O Som ao Redor”, lá em 2012, o Festival de Roterdã, na Holanda, nunca escondeu seu fascínio pela América do Sul, e sempre acolheu o nosso filé mignon autoral em sua competição oficial. Essa mostra tem nome: Tiger. O tigre é o símbolo desse evento, considerado o marco zero do circuito internacional anual das maratonas competitivas (com prestígio GG) de longas-metragens.

Na sequência dela, rolam os festivais de Berlim, Cannes, Locarno, Veneza, Toronto e San Sebastián. Cineastas estrangeiros de respeito, como o inglês Christopher Nolan e a americana Kelly Reichardt, ganharam o felino dourado de Roterdã no passado. Da Pangeia latina, venceram por lá o cubano Carlos M. Quintela (“La Obra Del Siglo”), a paraguaia Paz Encina (“Eami”) e um conterrâneo de

Kleber, o pernambucano Claudio Assis, com “Baixio das Bestas”, em 2007. No ano passado, a láurea de júri popular, oferecida a atrações de verve autoral que a cidade holandesa vê fora do concurso principal, foi dada para “Ainda Estou Aqui”, de Walter Salles. A aposta nacional da vez para esse “prêmio do povão”, dedicado à seção Limelight, é “O Agente Secreto”, que terá sessão por lá esta noite.

Sua lotação está esgotada, mas uma de suas estrelas, Tânia Maria, famosa por sua atuação sempre de cigarro nos dedos, como Dona Sebastiana, será vista em Roterdã ainda num outro filme brasileiro, que conseguiu vaga na caça ao Tigre: “Yellow Cake”. A direção é de Tiago Melo (conhecido por “Azougue Nazaré”). Sua exibição será na próxima segunda. Ambientada em Picuí, situada em uma região

conhecida por ter “Terras Raras”, na Paraíba, essa ficção científica explora um dos lados mais perigosos da mineração (o risco de contágio por radiação). Mineiros como tântalo, nióbio e (sobretudo) urânio estão no foco da saga de Rúbia Ribeiro (Rejane Faria), uma cientista nuclear envolvida em um projeto secreto para erradicar o Aedes aegypti utilizando a riqueza mineral da região. Agentes dos EUA, mosquitos famintos e conflitos políticos estão no leito desse rio de brasilidade cristalina.

Concorrem com Tiago as produções “La belle année”, de Angelica Ruffier (Suécia); “A Fading Man”, de Welf Reinhart (Alemanha); “The Gymnast”, de Charlotte Glynn (EUA); “A Messy Tribute to Motherly Love”, de Dan Geesin (Países Baixos); “My Semba”, de Hugo Salvaterra

(Angola); “Nangong Cheng”, de Shao Pan (China); “O Profeta”, de Ique Langa (Moçambique); “Roid”, de Mejbaour Rahman Sumon (Bangladesh); “Supporting Role”, de Ana Urushadze (Geórgia); “Unerasable!”, de Socrates Saint-Wulfstan Drakos (Bélgica); “Variations on a Theme”, de Jason Jacobs e Devon Delmar (África do Sul). Há um artista de Pernambuco no júri que vai analisar cada concorrente desses: o cineasta Marcelo Gomes. Fora de suas missões julgadoras, ele exibe em Roterdã, neste sábado, na seção Harbour, o melodrama “Dolores”, que codirigiu com Maria Clara Escobar. Na sexta, essa crônica multicolorida sobre conexões familiares femininas - com Carla Ribas em estado de graça - será exibido em Minas Gerais, na Mostra de Tiradentes. Além de Marcelo, o

time de juradas e jurados do Tiger reúne a atriz iraniana Soheila Golestani; a diretora e também intérprete franco-grega Ariane Labed; a diretora artística do London BFI Film Festival Kristy Matheson; e o escritor croata Jurica Pavicic.

Nesta sexta, uma mistura escatológica (e aparentemente genial) de comédia com horror gore do Brasil pede passagem a Roterdã: “Privadas de suas vidas”, de Gustavo Vinagre e Gurcius Gewdner. Seu enredo é um convite à surpresa. Após perder um dos filhos gêmeos em um acidente trágico, Malu (Martha Nowill) vive em conflito com o filho adolescente sobrevivente, Gênesis (Benjamín), uma pessoa não binária que exige ser reconhecida por sua identidade. Pressionada financeiramente, ela aceita organizar a festa de revelação de gênero da vizinha, o que aprofunda tensões familiares e reabre traumas do passado. Quando uma maldição transforma os banheiros do prédio em instrumentos de violência, mãe e filho precisam se unir para impedir que a celebração termine em tragédia.

Seu codiretor, Gustavo Vinagre, participa de Roterdã ainda com “A Paixão Segundo G.H.B.”, que é descrito como “odisseia gay”, e foi codirigido por Vinicius Couto. O festival chega ao fim no dia 8 de fevereiro. Uma de suas maiores apostas, escalada para a Big Screen Competition, é o thriller português “Projecto Global”, de Ivo M. Ferreira, ambientado em 1974, em meio à Revolução dos Cravos.

Leo Lara /Universo Produção



Sessão lotada de 'Querido Mundo' na praça central de Tiradentes, que fez jus à sua vocação popular mais um ano

Acordes finais



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Nos momentos finais de uma maratona iniciada à força do cinema de invenção, com um Júlio Bressane inédito ("O Fantasma da Ópera"), sons que se confundem com a criação do moderno cancionário das Gerais hão de tomar conta da 29ª Mostra de Tiradentes com "Ladeiras da Memória – Paisagens do Clube da Esquina". Raabe Andrade e Daniel Caetano assinam esse documentário por onde passam craques da letra e da melodia como Toninho Horta, Marcio Borges, Wagner Tiso, Nivaldo Ornelas e Nelson Angelo.

A produção registra o encontro de músicos de diferentes gerações em estúdio, para revisitar canções marcantes do repertório do grupo que dá nome ao filme. É com ela, em sessão neste sábado, às 21h, que as exhibições na praça central da cidade mineira chegam ao fim. Paralelamente, por um outro registro musical (e também documental), o evento que inaugura o ciclo anual dos grandes festivais de filmes nacionais despede-se de 2026, depois de ter passado dias lotando seus centros exibidores. O outro longa agendado para a marcha de despedida de Tiradentes se chama "Copacabana, 4 De Maio" e a direção é de Allan Ribeiro.

No longa, o cineasta revive uma noite antológica de 2024, quando Madonna fez o maior show de sua carreira... e foi no Brasil. As areias de Copacabana receberam 1,6 milhões de pessoas. Allan mostra como o Rio de Janeiro se preparou para esse acontecimento pop. Analisa



Gabriel Sousa

'Ladeiras da Memória' celebra o legado do Clube da Esquina das Gerais para o mundo

Com um ouvido no Clube da Esquina e outro em Madonna, a Mostra de Tiradentes encerra sua 29ª edição no sábado, dedicando a tarde a um intercâmbio com curadores estrangeiros

ainda como os personagens foram afetados, esperando por aquele 4 de maio, recordando bandeiras que a cantora levantou durante sua vida.

Em paralelo a esses dois exercícios autorais, Tiradentes conferem os ganhadores de suas seções competitivas, em especial sua menina dos

olhos, a Aurora. Concorrem este ano "Vulgo Jenny" (Viviane Goulart, GO); "Sabes de Mim, Agora Esqueça" (Denise Vieira, DF); "Politiktok" (Álvaro Andrade, BA); "A Voz da Virgem" (Pedro Almeida, RJ); "Para os Guardados" (desali e Rafael Rocha, MG) e "Obeso Mórbito" (Diego Bauer, AM). O programador Francis Vogner dos Reis é quem coordena a curadoria que pinçou essas pérolas para Minas, composta por Juliano Gomes e Juliana Costa (nos longas-metragens); Camila Vieira, Leonardo Amaral, Lorena Rocha, Mariana Queen e Rubens Anzolin (nos curtas-metragens); com assistências de Barbara Bello (longas) e João Rego (curtas).

No desfecho de suas atividades, Tiradentes cumpre mais uma vez a missão que fez dela alvo de atenções no planisfério global: um encontro de curadores e de programadores estrangeiros, de distintas partes da Terra. Dedo os anos 2010, uma das principais virtudes da Mostra, no cenário dos festivais de cinema do Brasil, é sua habilidade de aglutinar "olheiros" (leia-se diretores/as artísticos/as) de algumas das mais importantes maratonas competitivas da Europa e das Américas em suas projeções e em seus fóruns de de-

bate. Este ano, um time internacional de respeito vai participar, neste sábado, de uma discussão chamada Futuros Imaginados, cujo foco é o papel dos filmes (e o futuro deles) na era em que a atenção é disputada vorazmente por telemóveis. A crise das salas de projeção, a disputa com plataformas digitais, a concentração do mercado audiovisual, o enfraquecimento dos modelos de financiamento e o avanço da inteligência artificial serão os tópicos de duas conversações. Uma rola às 15h, e mobiliza Álvaro Arroba (do Bafici, La Quinzaine des Cinéastes, Seminci); Roger Koza (Doc Buenos Aires, Filmfest Hamburgo, Vienne); Walter Tiepelmann (Fidba, Málaga WIP); e Francis Vogner dos Reis, o coordenador curatorial de Tiradentes. A mediação será de Claire Allouche, curadora ligada ao Conexão Brasil CineMundi, na França. A segunda, às 17h, envolve Cíntia Gil (Doclisboa e da Quinzaine de Cineastas de Cannes); Romeo Umulisa (Creative Africa Lab, de Ruanda); Cleber Eduardo (Conexão Brasil CineMundi); Cyril Neyrat (FIDMarseille); e Juliana Antunes (cineasta).

"A nossa orientação em Tiradentes é a busca por conformar

em cada programação uma ampla diversidade imaginativa com a extensão e multiplicidade que um país continental como o Brasil pode ter", explica Vogner ao Correio da Manhã. "Disputamos o termo-valor 'diversidade'. No nosso caso, divergimos de uma concepção de diversidade limitada e restrita à 'algoritmização' dos produtos audiovisuais como se fossem estas experiências seguras expostas em baías para o consumo a gosto do freguês (risco zero: receberá pelo que pagou) que rebaixa a sensibilidade ao médio, ao palatável, à fruição sem um desafio para um espectador ou espectadora que podem ser sempre ativos no pensamento e no coração durante a projeção de um filme; também não nos faz sentido uma diversidade de temas e de sujeitos no audiovisual restritos, limitados e rebaixados às formas (formatos, na verdade) e modos de trabalho criativo identificados com o regime estético hegemônico. E quando falamos em estética não perdemos de vista sua dimensão política, no sentido que uma obra é capaz de fazer ver, sentir e ouvir as coisas de um modo novo, de tornar visível aquilo que somos condicionados a não ver, não perceber e não estranhar".

Brook Rushton/ 20th Century Studios.



O diretor Sam Raimi apresenta uma trama de terror divertida e alucinante entre patrão e funcionária, ambientada em um cenário paradisíaco do Sudeste Asiático

Sam Raimi volta às origens de forma triunfal

Novo longa do realizador, 'Socorro!' constrói com maestria terror tragicômico em uma ilha deserta

Divulgação



Sam Raimi no evento global de lançamento de seu mais novo longa

PEDRO SOBREIRO

Poucos diretores em Hollywood conseguem ser tão autênticos quanto Sam Raimi. Eternizado na cultura pop mundial pela trilogia original

do "Homem-Aranha", o cineasta despontou para o cinema internacional com sua franquia de terror trash "Uma Noite Alucinante - A Morte do Demônio", ícone desse filão na década de 1980. Ao lado do ator Bruce Campbell, ele foi um dos responsáveis por consolidar os filmes de terror de baixo

orçamento em Hollywood, um subgênero que rende milhões ao cinema e fideliza fãs ao redor do globo até hoje.

Nos últimos anos, porém, o cinema tem visto mais a faceta 'produtor' do que 'diretor' de Sam Raimi, que apostou em financiar longas como "O Homem nas Tre-

vas", que virou franquia, e os remakes/ reboots de sua saga consagrada "A Morte do Demônio". No cargo de direção, o público teve poucas oportunidades de vê-lo recentemente. Nesta década mesmo, ele havia dirigido apenas o controverso "Doutor Estranho no Multiverso da Loucura" (2022), em que foi chamado às pressas para substituir Scott Derrickson, que deixou o projeto devido a divergências criativas com a Marvel. Ainda assim, ele conseguiu deixar seu estilo de direção em um longa marcado por um roteiro todo remendado.

Agora, voltando a suas raízes, o realizador lançou nesta quinta-feira (29), nos cinemas de todo o Brasil, seu terror de sobrevivência "Socorro!", em que subverte as expectativas de uma história clássica de dramas e comédias românticas, transformando a jornada dois sobreviventes de um desastre aéreo em um suspense alucinante em uma ilha deserta ao abordar essa trama pela ótica do mercado empresarial. Parece confuso? Calma, é só excesso de criatividade do projeto.

A trama é centrada em Linda (Rachel McAdams), uma funcionária exemplar de uma empresa que a trata com desdém. Com seu jeito de solteirona, ela é excluída pelos companheiros de trabalho e tem seus créditos roubados por seu superior na hierarquia. Mas ela enfrenta a situação com otimismo, já que o dono da companhia prometeu a ela uma promoção à vice-presidência da casa. O problema é que esse homem morre repentinamente, deixando a empresa para o filho, Bradley (Dylan O'Brien), um playboy arrogante que despreza a funcionária, dando o cargo prometido a ela para seus amigos pessoais. Uma situação bastante comum no mercado de trabalho mundo a fora.

Para evitar um maior constrangimento, o novo dono da empresa decide levá-la para uma conferência na Indonésia, onde planeja demiti-la.

O que ele não esperava, porém, é que o avião cairia em alto-mar, restando apenas Bradley e Linda, que acordam em uma ilha deserta. A partir daí, o filme acompanha a mulher utilizando suas habilidades vindas diretamente do programa "Survivor", enquanto o CEO mimadinho fica nas mãos de Linda, acreditando estar no comando.

Sam Raimi conta com uma atuação espetacular de Rachel McAdams, que flerta entre a injustiçada e a psicopata, conforme sua Linda decide virar a relação de poder entre patrão e funcionária, mostrando que essa hierarquia idiota não vale de nada na selva. Para isso, o diretor aposta em cenas de comédia, questionamentos morais da protagonista e um terror psicológico escatologicamente sensacional. Em contraste, Dylan O'Brien é simplesmente nojento no papel de patrão. O verdadeiro terror são as relações de trabalho, isso é nítido. Mas a forma como O'Brien sintetiza os arrogantes que se acham melhores que os outros apenas por um cargo laboral é impressionante.

O pesadelo de Bradley toma rumos inesperados, que transitam entre o trágico e o cômico num estalar de dedos. É uma clássica aventura de sobrevivência, dessas que passam nas sessões da tarde da vida, mas com o estilo alucinante que somente Sam Raimi consegue imprimir nos filmes. É "eita atrás de eita", conforme Linda decide colocar o patrão em seu lugar, levando a um desfecho surpreendente, divertido e psicótico. Sam Raimi está de volta ao seu melhor!

SEXTOU! UM RIO DE

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

SHOW

FÁBIO JR.

✳O projeto “Bem Mais Que os Meus 20 e Poucos Anos” está viajando todo Brasil fazendo uma leitura da carreira do cantor e compositor. Este show grandioso e repleta de surpresas e sucessos do artista retorna ao Rio. Sex e sáb (30 e 31), às 21h30. Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85 - Parque do Flamengo). R\$ 190 e R\$ 85 (meia)

GERIATRICUS

✳Sucesso absoluto nas redes sociais, acumulando mais de 16 milhões de visualizações em seus vídeos, o grupo apresenta repertório nostálgico que vai do rock ao pagode, numa mistura de humor, teatralidade e interação direta com o público. Sex (30), às 21h30. Qualistage (Via Parque Shopping: Av. Ayrton Senna, 3000 - Barra da Tijuca). Ingressos esgotados

RICK FERREIRA

✳O cultuado guitarrista faz um apanhado afetivo e musical dos três artistas que mais marcaram sua carreira nos palcos e estúdios de gravação: Erasmo Carlos, Raul Seixas e Belchior. Sáb (31), às 21h30. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

DANI TORRES

✳Após lançar seu primeiro álbum em julho de 2025, intitulado “Implosão”, o cantor e compositor carioca apresenta suas mais novas canções ao vivo pela primeira vez. Dom (1), às 19h. Audio Rebel (Rua Visconde de Silva, 55 - Botafogo). R\$ 30 (antecipado)

FERNANDA SANTANNA

✳A cantora e compositora mineira interpreta releituras de compositores consagrados como Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Carlos Lyra, Roberto Menescal, Baden Powell, Aldir Blanc e João Bosco. Sex (30), às 21h. Beco das Garrafas (Rua Duvivier, 37 Copacabana). R\$ 70

HUMOR

RODRIGO MARQUES

✳Conhecido por seu humor reflexivo, o comediante é a atração desta semana no Festival Humor Contra-Ataca. Abertura de Júnior Chicó. Sáb (31), às 21h30. Qualistage (Via Parque Shopping: Av. Ayrton Senna, 3000 - Barra da Tijuca). A partir de R\$ 47,50



Divulgação / Dudu Biagio

Fábio Jr



Divulgação

Devora-me

TEATRO

CREDORES

✳Neste texto de August Strindberg, dois homens e uma mulher se encontram para um acerto de contas. Até 28/2, qui a sáb (20h) e dom (19h). Teatro Poeira (R. São João Batista, 104, Botafogo). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

MARGINAL GENET

✳Retrato do universo do autor no submundo de Paris. Até 7/2, sáb (22h). Teatro Candido Mendes (Rua Joana Angélica, 63 - Ipanema). R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

DJAVAN, O MUSICAL: VIDAS PRA CONTAR

✳A riqueza musical e a história inspiradora de um dos compositores mais aclamados da música popular brasileira chegam ao palco neste espetáculo idealizado por Gustavo Nunes, com direção artística de João Fonseca e autoria de Patrícia Andrade e Rodrigo França. Direção musical de João Viana e Fernando Nunes. Até 8/2, qui e sex (20h), sáb (16h30 e 20h30) e dom (18h). Teatro Claro Mais RJ (Rua Siqueira Campos, 143 - 2º Piso - Copacabana). A partir de R\$ 19,80



Divulgação

Job

DEVORA-ME

✳Depois de muitos anos afastados, pai e filha, ambos atores, tentam se comunicar. Como estratégia de convivência, decidem ensaiar o personagem Rei Lear, antigo sonho dele. Até 6/2, qui e sex (19h). Teatro Firjan Sesi Centro (Av. Graça Aranha, 1). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

LAS CHORONAS

✳Experiência cênica que desafia convenções e amplia fronteiras da acessibilidade. Até 8/2, qui a sáb (19h) e dom (18h). CCBB Rio (Rua Primeiro de Março, 66). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

FELIZARDA

✳Felizarda é contratada por uma empresa e se vê cercada por neuroses e angústias do mundo corporativo. Até 6/2, qua a sex (20h). Teatro Gláucio Gill (Pç. Cardeal Arcoverde, s/nº, Copacabana). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

JOB

✳Especialista em filtrar conteúdo impróprio na internet, sofre com a toxicidade do ambiente e tem colapso nervoso. Até 22/2, sex e sáb (20h) e dom (18h). Teatro Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804, Glória). R\$ 150 e R\$ 75 (meia)

OPÇÕES DE LAZER

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR



Devora-me



Djavan, o Musical



Geriatricus

RIO DE HISTÓRIAS

✳ Inspirados pela peculiaridade do universo carioca e seus personagens, os atores da Cia. Teatro do Nada criam cenas, histórias e diálogos que só no Rio de Janeiro seriam possíveis. O espetáculo de improviso é a marca registrada do grupo que encerra sua ocupação artística no Leblon. De 30/1 a 1/2, sex e sáb (20h e dom 19h). Teatro Café Pequeno (Avenida Ataulfo de Paiva, 269). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

OS FIGURANTES... E DEPOIS?

✳ Com ramaturgia desenvolvida por Wendell Bendelack e Rafael Primot, o espetáculo nasceu de pesquisa dos autores sobre histórias reais do universo da figuração. No centro da trama, as frustrações e o desejo de visibilidade que esses aspirantes à fama alimentam. Até 8/2, sex e sáb (20h) | dom (19h). Casa de Cultura Laura Alvim (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

EXPOSIÇÃO

DAR NOME AO FUTURO

✳ As artistas plásticas Dani Cavalier e Nathalie Ventura trazem pontos de observação sobre formas de existir e permanecer no mundo. Até 1/3, ter a dom (11h às 19h). CCJF (Av. Rio Branco, 241). Grátis

VIVA MAURICIO!

✳ Um mergulho imersivo no universo criativo em torno da obra do quadrinista Mauricio Sousa, criador da Turma da Mônica e de dezenas de outros personagens tão queridos do público brasileiro de todas as idades. Até 13/4, de qua a seg (9h às 20h). CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

FRANK KRAJCBERG - UMA SEMÂNTICA DA DEVASTAÇÃO

✳ Mostra reúne 38 trabalhos do pintor e escultor polonês Frans Krajcberg que, já nos anos 1970, denunciava os riscos ambientais do planeta e suas consequências para a vida de todas as espécies. O artista se notabilizou pelas obras com madeiras de árvores destruídas pela devastação ambiental nas florestas na Zona da Mata. Até 1/2, ter a sáb (10h às 20h), dom e fer (11h às 18h). Caixa Cultural (Rua do Passeio, 38). Grátis

RETRATOS DO MEU SANGUE - SHIPIBO-KONIBO

✳ A exposição apresenta o trabalho do documental do fotógrafo peruano David Díaz González, nascido na comunidade nativa de Nueva Saposo. Até 8/2, ter a dom (11h às 19h). CCJF (Av. Rio Branco, 241). Grátis

GEOMETRIA VISCERAL

✳ Panorama da produção recente do artista plástico paulista Gilberto Salvador que volta aos espaços expositivos cariocas. A mostra reúne cerca de 40 trabalhos reunidos por temas, conjuntos de linguagens. Até 1/3, ter a dom e fer (12h às 18h). Paço Imperial (Praça XV, 48). Grátis

RIOS DE LIBERDADE

✳ Exposição celebra os 200 anos da independência do Uruguai reunindo 14 artistas da colagem uruguaios e brasileiros que se utilizam de imagens do acervo histórico do Centro de Fotografia de Montevideu como matéria-prima para registrar a memória visual de uma sociedade em transformação. Até 8/2, ter a dom (11h às 19h). CCJF (Av. Rio Branco, 241). Grátis

LIVROPOEMA/POEMALIVRO

✳ A mostra apresenta livros de artista criados por Gabriela Irigoyen, que subvertem a estrutura tradicional do livro com experiências visuais, sensoriais e poéticas. Até 1/3, ter a dom 11h às 19h. CCJF (Av. Rio Branco, 241). Grátis

INFANTIL

RAULZITO BELEZA - RAUL SEIXAS PARA CRIANÇAS

✳ O musical do premiado projeto 'Grandes Músicos para Pequenos', apresenta a história de um menino que era criativo demais. Tão criativo que sua falta de atenção ao mundo real começou a atrapalhá-lo na escola. Até 1/2, sáb e dom (16h). Teatro Clara Nunes (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 53 - 3º piso). A partir de R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

MASHA E O URSO

✳ Nesta versão teatral da série que é fenômeno de audiência no YouTube (25 bilhões de visualizações), Masha, o Urso e os amigos da floresta vivem uma história de lealdade e coragem. Até 22/2, sáb (10h e 12h30) e dom (11h e 14h). Teatro Claro Mais RJ (Rua Siqueira Campos, 143 - 2º Piso - Copacabana). A partir de R\$ 50

INVENTAMUNDOS

✳ Inspirado nas bonecas de papel e nas histórias em quadrinhos infantojuvenis, o laboratório criado pela equipe de arte-educadores do CCBB Educativo desenvolve a criatividade do visitante e criar um personagem original com história, cenário e roupas customizadas. Sáb e fer (15h e 17h), dom (11h, 15h e 17h). CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Grátis

A arte de cantar (bem)

MPB4 retorna ao Rival Petrobras em duas noites de celebração ao melhor de nossa canção popular

AFFONSO NUNES

O Teatro Rival Petrobras volta a receber neste sábado e domingo (31 e 1º) um dos grupos vocais mais longevos e respeitados da música brasileira. Com mais de seis décadas de trajetória, o MPB4 apresenta o espetáculo “MPB4 e Rival – A arte de cantar”, uma apresentação presta tributo a Angela Leal, figura visionária que abriu as cortinas do Rival para a MPB e transformou o histórico teatro da Cinelândia num dos principais pontos de encontro da cultura carioca. No sábado, o grupo terá a participação especial do grupo vocal Ordinarius (um dos tantos influenciados pelo MPB4) e no domingo será a vez do cantor e compositor Tiago Amud, um dos mais festejados artistas de sua geração.

Formado atualmente por Miltinho, Aquiles Reis, Dalmo Medeiros e Paulo Malaguti Pauleira, o MPB4 carrega consigo uma história que atravessa gerações e perpassa todos os momentos políticos vividos pelo país nesse período. Nascido em 1965, no início da ditadura militar, o grupo surgiu da união de quatro jovens que cantavam em corais universitários e encontraram na harmonia vocal sua forma de resistir. A formação original, que se manteve por quatro décadas, incluía Ruy Faria, Magro Waghbi, Aquiles e Miltinho. Foi um dos períodos de maior estabilidade e reconhecimento artístico de um conjunto vocal no Brasil, conquistando público e crítica com interpretações sofisticadas que iam da bossa nova e do samba à canção de protesto, passando por vários ritmos. Em comum, a excelência vocal e a sofisticação musical.

Quando a censura atingia duramente a produção artística, o MPB4 encontrou nas entrelinhas das harmonias vocais e na escolha criteriosa de repertório que expressasse a defesa intransigente dos valores democráticos. canções como “Roda Viva” (Chico Buarque), “Amigo É Pra Essas Coisas” (Aldir Blanc e João



O MPB4 apresenta há décadas um repertório com a fina flor da nossa canção popular

Bosco), “Vira Virou” (Kleiton & Kledir), “A Lua” (Renato Rocha), “Cálice” (Chico Buarque e Gilberto Gil) ganharam do grupo interpretações definitivas e que são páginas de ouro a história de nossa música.

O repertório do espetáculo

se ancora em dois álbuns fundamentais para compreender a relação do grupo com o Teatro Rival: “A Arte de Cantar”, de 1995, e “MPB4 ao Vivo – Melhores Momentos”, de 1999, ambos gravados no palco do Rival. O roteiro propõe uma viagem temporal

que resgata momentos emblemáticos dessa parceria de mais de três décadas. O público será conduzido a 1992, ano do aclamado “Brasil de A a Z”, espetáculo que percorreu o alfabeto da música brasileira com maestria interpretativa.

A apresentação também revisita 1995, quando o quarteto gravou no Rival o disco que celebrava seus 30 anos de estrada, e 2012, com o show “Contigo Aprendi”, marco que representou um dos momentos mais delicados e transformadores da história do grupo.

Aquele ano de 2012 ficou gravado na memória do MPB4 e de seus admiradores como um divisor de águas. O grupo perdia Magro Waghbi, vítima de câncer aos 68 anos, interrompendo uma formação que havia resistido por décadas aos desafios da indústria fonográfica e das mudanças de gosto do público.

Substituir um integrante que havia ajudado a moldar a identidade sonora do quarteto era um desafio técnico e, sobretudo, emocional. Coube a Paulo Malaguti Pauleira, cantor, compositor e arranjador com passagem pelo grupo Céu da Boca e pelo Arranco de Varsóvia, assumir essa responsabilidade. Sua estreia oficial no Teatro Rival, naquele 2012, selou a renovação e garantiu a continuidade de um projeto artístico singular na música brasileira.

A relevância artística do MPB4 está muito além dos números e de sua longevidade. O quarteto se estabeleceu como referência de qualidade interpretativa, sendo reconhecido pela capacidade de harmonizar vozes com precisão técnica sem perder a emoção e a espontaneidade.

Nesses 60 anos, o MPB4 gravou dezenas de álbuns, participou de festivais decisivos para a música brasileira e dividiu palco com os maiores nomes da MPB. Mais do que isso, o MPB4 se tornou guardião de um repertório que vai de Noel Rosa a Tom Jobim, de Chico Buarque a Milton Nascimento, mantendo viva uma tradição de máximo respeito ao cancionário popular.

SERVIÇO

MPB4 E RIVAL - A ARTE DE CANTAR

Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33, Cinelândia) 31/1 e 1/2, sábado (19h30) e domingo (17h)
Ingressos a partir de R\$ 50

Sons de cura e liberdade

Divulgação



Acompanhado por trio de cordas, Jonathan Ferr conjuga jazz contemporâneo com espiritualidade em seu mais novo espetáculo

Jonathan Ferr vem explorando elementos de transcendência espiritual em seus últimos trabalhos

AFFONSO NUNES

A inquietude artística do pianista Jonathan Ferr chega ao Manouche nesta sexta-feira (30) com um projeto que traduz sua obra

recente: a busca por uma sonoridade livre, além de rótulos estilísticos, capaz de se conectar diretamente com dimensões espirituais da experiência humana. O show “Experiência Cura” reúne composições de três álbuns que marcam a evolução de sua linguagem musical nos últimos anos, apre-

sentadas em arranjos para trio de cordas - Sarah Cesario (violino), Camila Pereira (viola) e Lúrian Moura (cello) -, uma formação

que o artista experimenta pela primeira vez. Os ingressos estão esgotados, mas a artista confirmou uma data extras para 28 de fevereiro.

O repertório alterna composições autorais e releituras que revelam as referências culturais do músico. Peças como

“Choro”, “Esperança” e “Liberdade” dialogam com versões no estilo spiritual jazz de “Sino da Igrejinha”, canção de domínio público presente nos cultos de matrizes africanas, e “Gira Deixa A Gira Girar”, tributo ao legado d’Os Tincoãs. A opção de incluir “Hallelujah”, clássico do canadense Leonard Cohen, casa com essa proposta de transcendência.

O conceito de “curamento” que Jonathan Ferr propõe está diretamente ligado aos álbuns “Cura” (2021) e “Liberdade” (2023), trabalhos que consolidaram sua pesquisa em torno do jazz contemporâneo brasileiro com influências de espiritualidade afro-brasileira. O pianista incorpora ao show também faixas de “Lar”, seu mais recente álbum de estúdio, disponibilizado no segundo semestre de 2024, uma investigação musical de questões do povo preto como memória e pertencimento.

Jonathan Ferr vem de uma apresentação em Nova Iorque, sua primeira na cidade norte-americana, e mantém um ritmo intenso de produção: já trabalha em novas composições que integrarão seu próximo disco, algumas das quais serão apresentadas no Manouche como primeiras audições públicas.

SERVIÇO

JONATHAN FERR – EXPERIÊNCIA CURA

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983)

30/1, às 21h*

Ingressos esgotados

*Data extra em 18/2, a R\$ 180 e R\$ 90 (meia solidária, mediante 1kg de alimento não-prececível ou livro para doação)

Anelis Assumpção aciona o modo reggae

Cantora apresenta no Circo Voador show com repertório que reúne Bob Marley, Peter Tosh e seu pai, Itamar Assumpção

O Circo Voador recebe nesta sexta-feira (30) a cantora e compositora Anelis Assumpção. Desta vez, ela chega com “Not Falling”, show que se debruça sobre o reggae jamaicano, gênero que a artista explora tanto através de releituras de clássicos quanto de composições próprias. A proposta marca um movimento específico na trajetória de Anelis, nascida em São Paulo em 1980, filha do icônico Itamar Assumpção (1949-2003), um dos nomes fundamentais da vanguarda

paulista dos anos 1980.

Ela iniciou a carreira profissional em 2001 como vocalista da banda do pai, a Orquídeas do Brasil (formada só por mulheres), desde então, vem construindo obra própria que mescla dub, reggae, afrobeat, rap e música brasileira, sempre com experimentaismos e arranjos irreverentes que remetem diretamente ao legado familiar.

Uma das mais precisas definições do reggae foi dada por

Peter Tosh (1944-1987): “O reggae não é para se ouvir, é para se sentir. Quem não o sente, não o conhece”. Para esta imersão no universo reggae, Anelis organiza repertório que costura diferentes tradições musicais. No palco, interpretará canções de Tosh e Bob Marley (1945-1981), pilares da reggae music jamaicana, ao lado de composições brasileiras do gênero assinadas por Gilberto Gil e Luiz Melodia (1951-2017), além de músicas do próprio Itamar que dialogam com o ritmo. A cantora também incluiu parcerias inéditas e reggaes de seu cancionário pessoal, propondo conexões entre a matriz jamaicana e as leituras brasileiras do gênero. Não por acaso,

José de Holanda/Divulgação



Anelis alterna releituras de clássicos do reggae com canções autorais e de seu pai, o genial Itamar Assumpção

o show traz como eixo reflexões sobre afro-brasilidade, tema que atravessa a discografia de Anelis.

A apresentação conta com formação de nove músicos – Negra, Regiane Cordeiro e Rubi Assumpção nos vocais; Lelena Anhaia e Saulo Duarte nas guitarras e vocais; Mau no baixo; Bruno Buarque na bateria; Klaus Sena nos teclados; e Edy Trombone no trombone e percussão. A big band se inspira nas formações originais do reggae jamaicano, buscando recriar a densidade instrumental marcante do gênero que ganhou o mundo a partir dos anos 1970 com o surgimento de Bob Marley na cena global. (A. N.)

SERVIÇO

ANELIS ASSUMPÇÃO - NOT FALLING

Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº, Lapa)

30/1, a partir das 20h (abertura dos portões)

Ingressos: R\$ 140 e R\$ 70 (meia)

Amizade e cumplicidade artística

Cida Moreira
estreia tributo à
obra da amiga
Angela Ro Ro
no Manouche

AFFONSO NUNES

A música brasileira perdeu muito em sua dramaticidade com a partida de Angela Ro Ro. Se uma artista consegue entregar essa mesma atmosfera de teatralidade estamos falando de Cida Moreira. A cantora e compositora paulistana leva ao palco do Manouche neste sábado e domingo (31 e 1º) um dos trabalhos que ela considera dos mais pessoais de sua trajetória. “Me Acalmo Dançando: A música de Angela Ro Ro” celebra a amizade de toda uma vida entre as duas artistas.

Aos 73 anos e com quase cinco décadas de carreira marcada pela intensidade cênica e pela fusão entre performance teatral e música, Cida iniciou sua carreira profissional em 1977 justamente no teatro, atuando em “A Farsa da Noiva Bombadeada”, de Alcides Nogueira, com direção de Marcio Aurélio. Essa origem cênica nunca abandonou suas apresentações musicais. Conhecida por interpretações dramáticas e performáticas que fazem de cada show uma experiência única, Cida construiu uma trajetória singular na cena underground paulistana, onde é



Cida Moreira acompanhou Angela Ro Ro quando a artista carioca se apresentou pela primeira vez em São Paulo e daí nasceu uma relação de amizade que durou décadas

considerada figura icônica.

Nascida em São Paulo em 1951, ela iniciou os estudos de piano aos sete anos no conservatório,

formando-se em música aos 19. Sua discografia reflete essa versatilidade interpretativa: de “Abolando Blues” (1983) a “Cida Moreyra

Interpreta Brecht” (1988) e “Cida Moreyra Canta Chico Buarque” (1993), a artista sempre imprimiu forte carga dramática às canções

que escolhe revisitar. Sua performance não se limita à técnica ao piano ou ao canto, pois a artista sempre entrega uma narrativa corporal, uma presença cênica que dialoga com o teatro em clima catártico.

A ligação com Angela Ro Ro é antiga. As duas se apresentaram juntas inúmeras vezes ao longo dos anos, em shows que percorreram o Brasil. Cida acompanhou Angela desde o primeiro show da artista carioca em São Paulo, estabelecendo uma cumplicidade que se alimentava tanto das semelhanças quanto das diferenças entre duas mulheres que dominam piano e voz com personalidade arrebatadora. Durante os meses em que Angela esteve hospitalizada, amigos próximos sugeriram a Cida que preparasse um repertório dedicado à obra da compositora.

“Foi uma cumplicidade mágica, que me alimenta e traz um prazer poderoso”, declara Cida sobre a relação artística e pessoal com Angela. “Vou me sentar diante de um piano para tocar as belezas que ela criou e cantar com paixão as canções tão lindas que escreveu. Serei sua cantora, sua cúmplice, sua aprendiz”, completa.

SERVIÇO

CIDA MOREIRA - ME ACALMO DANÇANDO: A MÚSICA DE ANGELA RO RO

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983)
31/1/2, sábado (21h) e domingo (18h)
Ingressos esgotados
Datas extras em 11 e 12/2, com ingressos a R\$ 180 e R\$ 90 (meia solidária mediante 1kg de alimento não-perecível ou licro para doação)

Mestre e pupila mostram o lado B da Bossa

Roberto Menescal e Cris Delanno revisitam repertório menos conhecido do movimento que revolucionou a música brasileira

Roberto Menescal e Cris Delanno apresentam nesta sexta-feira, às 20h e 22h30, no Blue Note Rio, o repertório de “O Lado B da Bossa”, segundo álbum conjunto da dupla e que resgata composições menos celebradas do movimento que transformou a música brasileira nos anos 1950 e 1960. Enquanto clássicos como “Garota de Ipanema” e “Desafinado” consolidaram-se como hi-



Roberto Menescal já produziu vários dos discos de Cris Delanno

nos mundiais, outras canções igualmente sofisticadas permaneceram conhecidas apenas por especialistas e aficionados. É justamente esse repertório que o violonista de 88 anos e a cantora revelada por ele há quase quatro

décadas revisitam com arranjos que respeitam o rigor característico da Bossa Nova.

A ideia partiu de Cris Delanno, mas a seleção das 11 faixas foi trabalho a quatro mãos em encontros marcados pela cumplicidade artística que une os dois. “São músicas que a gente adora, tem a cara de todas as gerações, a cara da gente”, afirma a cantora, que completa 35 anos de carreira tendo Menescal como principal produtor e arranjador. Entre as pérolas do disco estão “Esse Seu Olhar/Promessas” (Tom Jobim e Newton Mendonça), “Deixa” (Baden Powell e Vinícius de Moraes), “O Negócio É Amar” (Carlos Lyra e Dolores Duran), “Chora Tua Tristeza” (Oscar Castro-Neves) e “Mentiras” (João Donato). Menescal, um dos arquitetos

da sonoridade bossanovista ao lado de Tom Jobim, João Gilberto e Carlos Lyra, explica que o trabalho demandou atenção especial aos arranjos. “A gente trabalhou muito os arranjos pra mudar a cara delas”, diz o violonista, cuja carreira como produtor revelou outras cantoras como Wanda Sá, Sylvia Telles, Nara Leão e Leila Pinheiro. No show, a dupla incluirá também canções que marcaram sua trajetória conjunta, como “Saudade Fez um Samba”, “Corazón Partío” e “Samba de Uma Nota Só”. A apresentação acontece após a participação dos artistas no Festival Rio Bossa Nossa, realizado em 25 de janeiro. “Reviver a bossa com diferentes gerações traz saudade do que a gente fez mas também saudade do futuro”, resume Menescal. (A.N.)

SERVIÇO

ROBERTO MENESCAL E CRIS DELANNO - O LADO B DA BOSSA

Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910, Copacabana)
30/1, às 20h e 22h30.
Ingresso: R\$ 125

CRÍTICA

TEATRO

|

HADDAD E BORGHİ:

CANTAM O TEATRO, LIVRES EM CENA

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Vidas poéticas

no teatro

Uma cortina des- prende-se do teto desvelando a his- tória do teatro brasileiro e daí em diante a emoção é evocada por tudo que se apresenta neste projeto antológico de Eduar- do Barata, criador de um texto emo- cionante, ao lado de Elaine Moreira, com pesquisa apurada de Claudia Chaves. É um deleite presenciar a história de dois ícones das artes cênicas: Amir Haddad e Renato Borghi, haja vista a tamanha rele- vância destes mestres da cena.

O destino encarregou-se de al- gumas coincidências revelando-nos que o grande ator Renato Borghi e os talentosos diretores Amir Had- dad e José Celso Martinez Corrêa nasceram no mesmo ano de 1937, todos fundadores do fabuloso Tea- tro Oficina. Naturalmente o diretor paulista José Celso estaria em cena, mas sua importância pujante con- duziu a delicadeza de Barata para que ele pudesse estar ali, vanguarda- lizando. Há uma afetividade cênica transbordante, numa poética de que a vida real e a vida teatral tornam-se uma única. A narrativa inspira-se em circo, ópera, artes visuais, car- naval, além de fazer um recorte da política nacional, da era Vargas, passando pela presidência de Costa e Silva, onde o AI-5 institucionali-



Renato Borghi e Amir Haddad: amizade e cumplicidade artística desde os tempos do Teatro Oficina

zou-se, fomentando a prisão, tortu- ra, perseguição de artistas no país.

A memória impõe-se e leva-nos a passear por obras, pelas quais o tea- tro nacional fortificou-se e citações à inúmeros outros mestres são re- cordadas: Bertolt Brecht, Gianfran-

cesco Guarnieri, Oswald Andrade, entre outros.

A direção de Barata cria uma liberdade cênica, pela qual a drama- ticidade resplandece. É como se um cortejo abarcasse novas possibili- dades a cada dia, favorecendo para que

a realidade vá conquistando contor- nos teatrais. Tudo isso amparado por uma direção de movimento de Marina Salomon, em que a plateia é parte do espetáculo.

Os atores Débora Duboc, Duda Barata, Elcio Nogueira Seixas e Má-

ximo Cutrim estruturam uma rede segura para que Haddad e Borghi possam transitar por seus relatos sem perderem o fio da meada, numa condução comovente. Ananda Gusmão brilha com sua voz lím- pida, além dos artistas circenses André Lopez, Gabriel Bezerra, Gustavo Garcia, Lenita Magalhães, Luiza Brito, Margarida Tose, Na- thalia Cantarino, que compõem a beleza da atração.

É tocante a direção musical do Trio Júlio, por vezes cantando e to- cando ao vivo. Corroborando para que a memória seja preservada, a trilha presenteia-nos com canções conhecidas. Ao cantarem “Roda Viva”, de Chico Buarque, dá um nó na garganta, como se o passado atravessasse nossos corações. Ros- tand Albuquerque e Barbara Qua- dros expõem tronos, auxiliando a locomoção, além de revelarem fo- tos de artistas, pelos quais o teatro abrilhantou-se. Rute Alves colore o elenco, entraja os protagonistas com um manto e uma coroa, para que te- nhamos certeza de estarmos diante de monarcas da cena. A luz de Ro- gério Medeiros ambienta a arena com delicadeza. Belo e cativante!

SERVIÇO
HADDAD E BORGHİ CANTAM O TEATRO, LIVRES EM CENA
Teatro de Arena Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160)
Até 1/2, sexta e sábado (20h) e domingo (18h)
Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 10 (associado Sesc)

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES



Uma ode à resiliência

O genial Othon Bastos repassa vida e carreira no monólogo “Eu Não Me Entrego, Não!” que faz seu último fim de semana no Teatro Vanucci. Do alto de seus 92 anos e mais de 70 de carreira no teatro, cinema e televisão, o artista parte dessas memórias para tecer um mural sobre trabalho, amor e política. Citando e trazendo referências a grandes autores da dramaturgia, o espetáculo escrito e dirigido por Flávio Marinho é uma reflexão sobre vida e resiliência. Até domingo (1).



Começos e recomeços

Recomeços, amadurecimento e as possibilidades do amor depois de uma vida inteira compartilhada. O espetáculo “A Sabedoria dos Pais”, com Nathalia do Vale e Herson Capri (que comemoram 50 anos de carreira), apresenta a trajetória de um casal que, após 35 anos de um casamento aparentemente perfeito, decide se sepa- rar. Nos dez anos que se seguem, cada um busca novos caminhos, novas experiências. Miguel Falabella assina texto e direção. Até 8/2 no Teatro Vanucci.



Jornada sensorial

Após temporadas de sucesso no Rio, São Paulo e passagens marcantes pela França e pelo México — onde cerca de 16 mil espectadores vivenciaram sua poesia vi- sual —, o espetáculo “Enquanto Você Voava, Eu Criava Raízes”, da Cia Dos à Deux, entra na última semana de temporada no Teatro TotalEnergies. O espetáculo conduz o público a uma jornada sensorial de corpos em diálogo com linguagens artísticas diversas que passam pelas artes visuais, cinema, dança e teatro. Até 5/2

Eva Klabin por Eva Klabin

Casa abre acervo da colecionadora e revela que, para ela, o ato de vestir-se era um gesto artístico



Divulgação

AFFONSO NUNES

A Casa Museu Eva Klabin abre suas portas neste sábado (31) para uma exposição que revira gavetas, armários e baús pela primeira vez. “Beleza Habitada: Eva Klabin, Moda e Memórias” apresenta ao público mais de 130 peças do guarda-roupa pessoal da colecionadora – vestidos, sapatos, chapéus, luvas –, além de cartas, convites, menus de jantares, listas de convidados e registros sonoros de amigos e familiares. O conjunto, que permanece em cartaz até 24 de maio, sugere que a moda, para Eva, não era acessório da vida, mas parte estruturante de uma experiência estética cotidiana.

Eva Klabin colecionou arte ao longo de quatro décadas. Adquiriu peças que atravessam o Antigo Egito e chegam à modernidade do século XX. Seu acervo permanente reúne obras de diferentes geografias e linguagens. Mas a colecionadora também vestia Chanel, Christian Dior, Pierre Cardin e, sobretudo, Zulnie David, modista carioca responsável por grande parte de suas roupas entre as décadas de 1940 e 1980.

A exposição, com curadoria de Helena Severo e Brunno Almeida Maia e expografia de Leandro Leão, coloca essas duas dimensões lado a lado. “Eva Klabin habitou a beleza como quem constrói um mundo. Entre coleções de arte, vestidos e outros objetos, sua casa tornou-se cenário de encontros, onde o viver cotidiano se elevou à

experiência estética”, afirma Helena Severo.

A proposta curatorial organiza o percurso em cinco eixos que atravessam os ambientes da residência na zona sul carioca. O primeiro, “Afinidades sensíveis”, articula a herança modernista do século XX e apresenta a coleção como uma constelação de formas, materiais e cores. Obras de Frans Krajcberg, Lasar Segall, Carlos Scliar, Paulo Roberto Leal e Emanuel Araújo dialogam com vestimentas, louças e mobiliário, sugerindo que a moda integrava, para Eva, o mesmo campo estético das artes visuais. Já “Modos de existir: Eva Klabin e o seu tempo” recria episódios da vida social da colecionadora, como o jantar oferecido ao banqueiro David Rockefeller na década de 1970, com ambiên-



Retrato de Eva Klabin datado de 1930

Obra de Roberto Burle Marx

Conjunto Christian Dior, anos 1960

Sapato Chanel do acervo de Eva Klabin



‘Armadura’, de Paulo Roberto Leal (1946-1991)

Acervo Casa Eva Klabin

Mario Crisoli/Divulgação

Mario Crisoli/Divulgação

Divulgação

cia concebida por Roberto Burle Marx. O núcleo traz documentos, pratarias e arranjos que reconstituem não apenas o evento, mas o cotidiano de uma mulher que fez da casa um espaço de encontros e diplomacia cultural.

O terceiro eixo, “Modos de colecionar”, percorre a trajetória de Eva desde as primeiras aquisições realizadas em 1947, com Pietro Maria Bardi, até as últimas peças adquiridas antes de sua morte. A coleção de indumentárias aparece aqui como parte do mesmo gesto colecionador, afirmando um guarda-roupa vívido e coerente. “A singularidade do acervo de indumentária reside na capacidade que Eva possuía de conjugar criações da modista Zulnie David com nomes da moda parisiense, revelando um espírito de colecionadora e a construção de uma individualidade própria em diálogo com a história da moda de seu tempo”, considera Brunno Almeida Maia.

Em “A linguagem secreta dos objetos”, o foco recai sobre fragmentos da cultura material que expressam memória e subjetividade. Chapéus de Rose Valois e Gilbert Orcel, sapatos de Salvatore Ferragamo e Charles Jourdan, cadernetas, diários e correspondências revelam gestos e hábitos de Eva. O quinto eixo, “O visível, o invisível: a moda como arte”, dedica-se especialmente à produção de Zulnie David. Ao colocá-la em diálogo com a alta-costura internacional, a exposição propõe uma revisão crítica da história da moda no Brasil, problematizando processos de visibilidade e apagamento histórico.

A expografia de Leandro Leão veste os ambientes da casa-museu com 570 metros de tecido branco ou transparente. As cortinas desenhavam um percurso, ordenam fluxos, servem de suporte para projeções e textos curatoriais e, como fundos neutros, destacam peças do acervo. “Elas desenhavam uma nova camada que dialoga com o espaço sem o descaracterizar”, explica o arquiteto. A identidade visual parte da geometria singular da fachada para criar uma tipografia batizada de “Eva”, centro de todos os elementos gráficos.

Para Camilla Rocha Campos, diretora artística da Casa Museu Eva Klabin, a exposição traduz as diretrizes que orientam a instituição hoje: “pensar a casa como espaço vivo, o acervo como experiência e a cultura como campo de encontro. A exposição reafirma Eva Klabin como uma mulher que compreendia a arte, a moda e os objetos do cotidiano como dimensões inseparáveis do viver”.

SERVIÇO

BELEZA HABITADA: EVA KLABIN: MODA E MEMÓRIAS

Casa Museu Eva Klabin (Av. Epitácio Pessoa, 2480, Lagoa) e 31/1 a 24/5, de quarta a domingo (14h às 18h) Entrada franca

vemviver + cultura

Iniciativas para aplaudir de pé e pedir bis.
Como o maior acelerador de cultura do estado, o Sesc RJ incentiva os artistas e o público por meio de uma programação variada: são shows, espetáculos de teatro, dança e circo, exposições, exhibições de filmes, atividades literárias, cursos, oficinas e muito mais. O Sesc inspira cultura, e a cultura inspira você. **Vem viver o Sesc RJ.**



VEM SABER +



sescrj.org.br/cultura

portalsescrj sescrj sescrj



A maior marca
de bem-estar
social do RJ

TURISMO | NATASHA SOBRINHO | (@RESTAURANTS_TO_LOVE)
ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ



Acarajé da Silvia

Itacaré:

guia essencial para aproveitar o destino

Praias, trilhas e uma cena gastronômica em plena expansão no sul da Bahia



Moqueca da Tia Deth



Praia Havaizinho



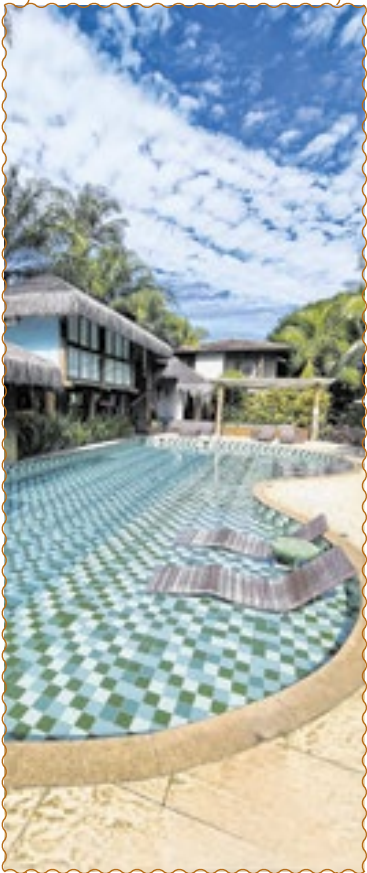
Praia de Camboinha



Nhoque de banana da terra com camarão do Nectar



Pôr do Sol na Ponta do Xaréu



Terra Boa Hotel Boutique



Praia de Jeribucaçu

Entre o verde intenso da Mata Atlântica e o azul do mar da Bahia, Itacaré é daqueles destinos que conquistam pela combinação perfeita de natureza, gastronomia e lifestyle descontraído. Surf, trilhas, praias preservadas e uma cena gastronômica diversa fazem da cidade um convite para dias sem pressa e com muito sabor. A seguir, um guia prático com dicas de como chegar, onde ficar, o que fazer e, claro, onde comer.

COMO CHEGAR

O acesso mais fácil é voar até Ilhéus e, de lá, seguir por cerca 75 km (aproximadamente 1h30 de carro) até Itacaré. Alugar um carro é uma ótima escolha: garante liberdade para explorar praias mais afastadas e circular com tranquilidade pela região. Mas há também opção de transfer e ônibus.

ONDE FICAR

Itacaré conta com mais de mil opções de hospedagem, para todos os estilos e orçamentos. Uma escolha que combina boa localização, conforto e ótimo custo-benefício é o Terra Boa Hotel Boutique (foto). Para quem busca uma experiência mais romântica, o Txai Itacaré é referência absoluta, com bangalôs integrados à natureza e serviço impecável. Já o Barracuda Villas surge como uma opção sofisticada e contemporânea, com villas exclusivas, design autoral e atmosfera intimista.

O QUE FAZER

A cidade é um prato cheio para quem gosta de natureza e movimento. Entre os programas im-

perdíveis estão a Trilha das quatro praias, que passa por Engenhoca, Havaizinho, Camboinha e Itacarezinho, além das praias urbanas como Concha, Resende, Tiririca e Ribeira, ideais para quem quer curtir o mar sem sair do centro. Vale incluir no roteiro a Praia de Jeribucaçu, onde o rio encontra o mar, considerada uma das mais bonitas da região, e reservar o fim de tarde para assistir ao pôr do sol no Mirante da Ponta do Xaréu, à esquerda da Praia da Concha. Para completar, caminhar pela rua Pituba, principal point da cidade, concentra lojinhas, bares e restaurantes e traduz bem o clima descontraído de Itacaré.

ONDE COMER

A culinária local é, sem exagero, um dos pontos altos da viagem a Itacaré. A cidade combina

ingredientes abundantes da região como cacau, banana-da-terra, coco e frutos do mar com cozinhas autorais, descoladas e cheias de identidade. Comer bem faz parte do roteiro.

Na Tia Deth, a experiência é simples, afetiva e absolutamente memorável. As moquecas de peixe e de frutos do mar são o grande destaque, sabor profundo, tempero no ponto certo e aquele gostinho de comida feita com tempo e carinho.

O Coco Pimenta chama atenção pela criatividade. A massa com cacau, ingrediente abundante na região, surpreende e mostra como Itacaré sabe unir tradição e inovação de forma elegante e sem exageros.

À beira-mar, o Oiti Restaurante, anexo ao Barracuda Boutique, oferece uma experiência mais so-

fisticada. O ambiente é refinado e o cardápio valoriza ingredientes locais com apresentação cuidadosa. Também na orla, o Marley Resto combina clima elegante e descontraído. A cozinha é criativa e contemporânea, ideal para quem busca pratos bem executados em um ambiente leve.

O Saravá Itacaré é descolado, animado e já virou ponto obrigatório. Famoso pelo bolo que lembra o clássico. No Nectar Itacaré, o destaque vai para o nhoque de banana-da-terra com camarão e molho de moqueca, um prato que resume Itacaré em sabores: regional, marcante e muito bem equilibrado. Para uma experiência mais raiz, o Acarajé da Silvia, na Praia da Concha, entrega um dos acarajés mais disputados da cidade, perfeito para um fim de tarde sem pressa.

A “Amarga” poesia

de Maíra Valério lançada em livro

Obra que ganhou o Prêmio Tato Literário será lançada no sábado em Brasília

Por Mayariane Castro

A escritora e jornalista Maíra Valério lança, no dia 31 de janeiro, em Brasília, o livro de poesia “Amarga”.

O evento ocorre às 16h30, na Nova Livraria Circulares, localizada na 714/15 Norte, Bloco H, Loja 9. A atividade é gratuita e aberta ao público. A mediação do encontro será feita por Gabriel Pagliuso, livreiro da Circulares, editor da revista “Retangulina” e ex-mediador do Clube de Leitura do Círculo de Poemas em Brasília.

Publicada pela editora Orlando, a obra reúne poemas que abordam temas relacionados à experiência contemporânea, como solidão, relações de trabalho, afetos, vivências de trauma e a presença das redes sociais no cotidiano.

“Amarga” recebeu o Prêmio Tato Literário na categoria poesia e conta com texto de orelha assinado por Thaís Campolina, escritora e mediadora de leitura, pós-graduada em Escrita e Criação pela Universidade de Fortaleza (Unifor).



Maíra: a pressão do cotidiano se expressa na sua poesia

O livro é organizado em cinco seções intituladas “remela”, “vazio em full HD”, “mordendo a cutícula”, “indigestão” e “trabalhar pra morrer”.

Ao longo dessas partes, os poemas apresentam imagens associadas ao espaço urbano e ao ambiente digital. Elementos como comida, coração, mãos e olhos aparecem de forma recorrente na construção dos textos. A epígrafe da obra traz um trecho de Hilda Hilst: “Só não existe

amargura onde não existe o ser”.

Em declarações sobre o processo de escrita, Maíra Valério afirma que trabalhou com um eu lírico que expressa sensações de cansaço, ansiedade e desconforto diante de expectativas sociais relacionadas à felicidade e à exposição constante. Segundo a autora, a proposta do livro foi lidar com aspectos que não costumam ser valorizados em discursos públicos ou em representações idealizadas da vida cotidiana.

Brasília

Nascida e criada em Brasília, Maíra Valério aponta a capital federal como um elemento presente em sua formação pessoal e literária. Segundo ela, a cidade exerce influência direta sobre sua subjetividade, tanto por suas características urbanísticas quanto pelas formas de convivência social. Essa relação aparece nos poemas por meio de referências a deslocamentos, distâncias e rotinas associadas ao espaço urbano.

A maior parte dos textos de “Amarga” foi escrita a partir de 2022. De acordo com a autora, o processo ocorreu em diferentes momentos do dia, como intervalos de trabalho, períodos noturnos e deslocamentos em transporte público ou por aplicativo. Maíra Valério relata que o livro foi desenvolvido paralelamente a outras atividades profissionais e que a escrita acompanhou fases diversas de sua rotina.

De Hilda Hilst ao punk feminino

Referências da poetisa dialogam com o cotidiano e os desafios dos tempos atuais

Entre as referências literárias citadas pela autora estão Hilda Hilst, Cecilia Pavón e Adélia Prado.

Além da literatura, Maíra Valério menciona influências vindas da música, especialmente de compositoras e bandas associadas ao punk feminista, da cultura de produção independente e dos quadrinhos. Esses elementos dialogam com a construção

formal dos poemas e com a organização visual da obra.

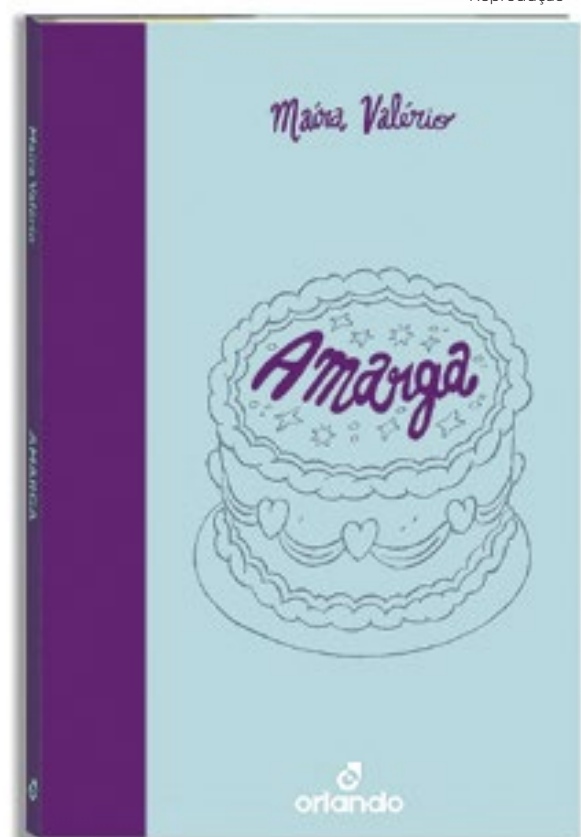
Projeto gráfico

A capa do livro foi ilustrada por Caio Gomez, ilustrador e quadrinista, que já havia colaborado com a autora no zine “Faz sol e chuva em Brasília”.

O projeto gráfico integra a proposta editorial do livro e dialoga com o conteúdo tex-

tual apresentado ao longo das cinco seções.

Maíra Valério atua como jornalista e escritora, com produção voltada principalmente para a poesia. “Amarga” é seu lançamento mais recente e marca sua estreia pela editora Orlando. O evento de lançamento em Brasília inclui conversa com o público e sessão de autógrafos. Não é necessária inscrição prévia.



Reprodução

Projeto gráfico é do quadrinista e ilustrador Caio Gomez

SEXTOU! UM DF DE

CINEMA

Hamnet no Cine Brasília

✱ A CineSemana até o dia 4 de fevereiro é marcada pela estreia de Hamnet: A Vida Antes de Hamlet, novo drama da cineasta Chloé Zhao. Indicado ao Oscar 2026, o longa é o único dirigido por uma mulher entre os concorrentes a melhor filme e rendeu à diretora indicação em direção. Baseado no romance de Maggie O’Farrell, o filme retrata William Shakespeare a partir do luto pela morte do filho Hamnet, tendo Agnes Shakespeare como eixo emocional da narrativa.

“O Ruído das Águas”

✱ O curta-metragem Amassunu – O Ruído das Águas, dirigido por Juliana Boechat e Venusto, integra a programação da 29ª Mostra de Cinema de Tiradentes (MG) e será exibido neste sábado (31), às 19h30, no Cine Petrobras, com entrada gratuita. A obra acompanha Maní, chef que vive em Brasília e retorna ao Pará após o adoecimento da avó, vivenciando um reencontro com suas raízes amazônicas. Produzido pela Claraboia Filmes, o filme valoriza ancestralidade, memória e saberes tradicionais.

TEATRO

“Depois do Silêncio”

✱ O espetáculo Depois do Silêncio estreia nesta sexta (30) no CCBB Brasília como parte da Ocupação Os Buriti – 30 anos, com sessões de sexta a domingo, às 19h, até 8 de fevereiro. Inspirada na história de Helen Keller, a montagem é bilíngue, em português e Libras, e aborda inclusão e comunicação. A programação inclui ainda Cantos de Encontro, em cartaz aos sábados e domingos, às 16h, celebrando a trajetória da Cia. Os Buriti.

Guerreiras do K-pop

✱ A Cia Teatral Néia e Nando apresenta o espetáculo Guerreiras do K-pop nos dias 31 de janeiro, 1º, 7 e 8 de fevereiro, às 17h, no Teatro da Escola Parque. Inspirada no fenômeno musical mundial, a montagem une teatro, música e dança em uma superprodução com roteiro original, coreografias vibrantes e figurinos elaborados. A trama valoriza amizade, união e amor pela arte, encantando crianças, adolescentes e famílias.



Cine Brasília estreia longa “Hamnet”



Filme “Amassunu - O Ruído das Águas”

O Pequeno Príncipe

✱ O clássico O Pequeno Príncipe, de Antoine de Saint-Exupéry, ganha adaptação bilíngue (português e inglês) no Teatro Brasília Shopping, em montagem da Trupe Trabalhe Essa Ideia. Voltado ao público infantil, o espetáculo une diversão e aprendizado em uma jornada lúdica por planetas e personagens inesquecíveis, abordando temas como amizade, empatia e imaginação. A peça integra a programação da Mostra Teatral de Brasília e tem entrada gratuita, sujeita à lotação.

MÚSICA

Festa das Águas 2026

✱ Nos dias 1º e 2 de fevereiro, a Praça dos Orixás recebe a 7ª edição da Festa das Águas, que homenageia Iemanjá e Oxum com rituais, música e celebração da ancestralidade no DF. Realizado pelo Instituto Rosa dos Ventos, o evento destaca o protagonismo feminino com shows de Luedji Luna, Juliana Linhares, Beco da Rainha e Ellen Oléria, além de Xirê, cortejos, feira gastronômica e artesanato. A programação é gratuita.

“Samba na Areia”

✱ A 4ª edição do Festival Encantos se despede no dia 1º de fevereiro com o espetáculo infantil Samba na Areia, às 16h, no Espaço Cultural Renato Russo (508 Sul). Protagonizado por Célia Porto, ao lado de Rênio Quintas e Eduardo Bento, o show celebra a música popular brasileira de forma lúdica e interativa, voltada à primeira infância. A apresentação convida pais e filhos a participarem de brincadeiras musicais em uma tarde gratuita de cultura e diversão em família.

Silva em Brasília

✱ O verão em Brasília ganha trilha sonora com o “Festival de Verão do Silva”, parceria inédita entre a Biroscas e o Lah. No dia 31 de janeiro, o cantor capixaba apresenta o show As Melhores do Verão, com um repertório especial de carnaval. A abertura fica por conta do grupo Elas Que Toquem, com participação de Ju Rodrigues. O evento ocupa diferentes espaços da Nova Biroscas, com DJs e artistas locais, em uma experiência imersiva.



“Depois do Silêncio” entra em cartaz no CCBB

OPÇÕES DE LAZER

POR: REYNALDO RODRIGUES - CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM



Guerreiras do K-pop” chega ao Teatro da Escola



Passaporte de Férias do Rolê Cultural



Passaporte de Férias do Rolê Cultural



Passaporte de Férias do Rolê Cultural

EXPOSIÇÃO

Passaporte de Férias

✳Durante as férias, o CCBB Brasília convida o público a viver sua programação de forma lúdica com o Passaporte de Férias do Rolê Cultural. A iniciativa gratuita transforma atividades educativas em uma jornada interativa, com carimbos, desafios e recompensa final. Visitas mediadas, oficinas, contações de histórias e ações acessíveis fazem parte da programação, voltada a todas as idades. Os ingressos são gratuitos, com retirada online ou na bilheteria do CCBB.

História da Arte Brasileira

✳Em cartaz no CCBB Brasília até 8 de fevereiro, a exposição Uma História da Arte Brasileira amplia sua programação com ações educativas voltadas à acessibilidade. Nesta sexta-feira (30), o público participa da

Vivência em Libras, atividade gratuita que integra pessoas surdas e ouvintes por meio de visitas mediadas, jogos teatrais e narrativas a partir de obras do acervo do MAM Rio.

Obras de Ziel Karapotó

✳Em cartaz até 1º de fevereiro de 2026, na CAIXA Cultural, a exposição Todos falam de mim, ninguém me representa propõe um diálogo crítico entre as litografias de Johann Moritz Rugendas e as intervenções do artista indígena Ziel Karapotó. A mostra confronta o olhar eurocêntrico com a autorrepresentação indígena contemporânea e inclui programação especial com palestra, visita mediada e oficina.

“Desalinhos e Costuras”

✳A 2ª edição da mostra “Desalinhos e Costuras: Arte e Loucura” prorrogou as inscrições de obras até 7 de março de 2026. Com

curadoria de Tânia Rivera e realização no Museu Nacional da República, em Brasília, a exposição selecionará três trabalhos, com prêmio de R\$ 4 mil cada. O projeto promove o diálogo entre arte e saúde mental, valorizando a diversidade de vozes e a desconstrução de estigmas. Inscrições abertas para artistas de todo o Brasil.

EM BREVE

8 horas de samba

✳Brasília recebe no dia 8 de fevereiro de 2026 o Bloco Faz Amor Urgente, iniciativa do movimento cultural Samba Urgente, que ocupará o centro da capital no pré-carnaval com programação gratuita e aberta ao público. Para participar, é necessário retirar ingresso gratuito antecipadamente pela plataforma Sympla. O evento terá capacidade máxima para 5.100 pessoas.

Carnaval 2026

✳O Carnaval no Pátio Brasil Shopping vai trazer para toda a família criatividade e muita diversão. Nos dias 7, 8 e 14 de fevereiro, o shopping promove uma programação especial voltada ao público infantil, de 3 a 12 anos, com oficinas temáticas e o tradicional Bailinho de Carnaval, um convite imperdível para celebrar a data com folia e segurança. As atividades convidam as crianças a soltar a imaginação na criação de adereços carnavalescos de forma lúdica.



Show “Samba na Areia”

Por Mayariane Castro

A Oto Livraria realiza, no dia 31 de janeiro, das 13h às 18h, mais uma edição do Dia do Quadrinho Nacional em Brasília.

O evento acontece na área externa da livraria, localizada na 302 Norte, bloco E, loja 39, subsolo, e reúne quadrinistas do Distrito Federal e de outras regiões para exposição e venda direta de publicações autorais.

A feira é aberta ao público e integra o calendário local de celebrações da produção brasileira de histórias em quadrinhos.

A programação conta com a participação de artistas em diferentes estágios de carreira, além de editoras e iniciativas editoriais independentes.

O público pode adquirir quadrinhos, zines e graphic novels, além de conversar com autores e conhecer lançamentos recentes do mercado nacional de HQs.

A proposta do evento é aproximar leitores e produtores, promovendo o contato direto entre quem cria e quem consome quadrinhos.

Menu

Entre os lançamentos previstos está o segundo número da coletânea “Menu”, do selo Simbiose, que reúne trabalhos de diversos autores. Das 16h às 18h, parte da equipe da publicação participa de sessão de autógrafos dentro da Oto Livraria. Estão confirmadas as presenças de Amanda Picchi, André Moniz, Biel Lima, Frisk, Gil Esper, Indi, Letícia Castro, Rafa Bonfim, Rogério Dias, Silvino Garatuja e Camilla Siren, responsável pela arte da capa.

A editora MMarte, de Goiânia,



Livraria Oto volta a celebrar o Dia Nacional dos Quadrinhos

O Quadrinho celebra o Quadrinho

Evento comemora neste sábado o Dia Nacional da HQ, que marca os 157 anos da publicação de “Nhô Quim”

participa da feira com o lançamento de dois títulos. Um deles é “Metralha”, biografia em quadrinhos do cantor Nelson Gonçalves. O outro é “Vila-velha”, obra inédita do quadrinista Flavio Colin. As publicações integram o catálogo da editora voltado à valorização de autores

nacionais e de obras ligadas à história cultural brasileira.

Gurulino

Também integra a programação o lançamento de “Tranquilo, mas agiliza”, de Pedro Sangeon. O livro é a primeira coletânea do personagem Gurulino, co-

nhecido por aparecer em muros da capital federal. A obra reúne tirinhas que combinam reflexões cotidianas e situações humorísticas, apresentadas em formato de quadrinhos curtos.

Os roteiristas Rafael Moura e Jailson Soares lançam duas graphic novels durante o even-

to. “Em três dias trago a pessoa amada” apresenta uma narrativa de fantasia urbana com referências ao folclore brasileiro. Já “Céu Rosa-Poeira” propõe uma releitura da história do Planalto Central a partir de uma personagem inspirada na deusa dos raios e dos ventos.

Artistas do DF em grandes projetos

Publicações na Marvel e em projetos de Maurício de Sousa estão entre os destaques apresentados na feira

O coletivo Candango HQ, formado por Delmo Arguelhes, Francisco Alves e Leila Firmino, lança “As aventuras de Texas Ranger & Lincoln Júnior – A balada de Minouette”. A publicação articula elementos de fantasia com temas sociais, dentro de uma narrativa em quadrinhos ambientada no contexto brasileiro.

A quadrinista Duda Carneiro, responsável pela arte de divulgação do evento, lança “Alice e Fernanda – Caçadoras de Alienígenas”. A história acompanha duas jovens skatistas que

trabalham em uma pizzeria e se envolvem em situações ligadas à presença de seres extraterrestres.

Marvel e Maurício

Entre os participantes está também o desenhista Tiago Palma, que apresenta ao público exemplares de revistas publicadas pela Marvel Comics com sua participação artística. Outro nome presente é Wes Samp, que leva à feira a coletânea “MPS 90”, publicação comemorativa dos 90 anos de Maurício de Sousa, da qual participou com uma

história. A produção do Dia do Quadrinho Nacional em Brasília é do jornalista Pedro Brandt, integrante da equipe do blog Raio Laser – Quadrinhos Além. A iniciativa é realizada pela Oto Livraria desde 2021, como parte das atividades culturais promovidas pelo espaço.

O Dia do Quadrinho Nacional é celebrado oficialmente em 30 de janeiro. A data foi criada em 1984 pela Associação dos Quadrinistas e Caricaturistas de São Paulo (AQC-SP) e faz referência à publicação de “As aventuras de Nhô Quim ou Impressões de uma viagem à Corte”, considerada a primeira história em quadrinhos brasileira, lançada por Angelo Agostini em 1869, na revista “Vida Fluminense”.



Reprodução

Procurou um refúgio, mas vendo que nem assim se livrava da sanha do diabo do totó,

Nhô Quim é considerada a primeira HQ brasileira



Gabriel Domingues (de preto) com Robério Diógenes (Delegado Euclides), Ítalo Martins (Arlindo) e Igor de Araújo (Sérgio) durante a estreia de 'O Agente Secreto', em Cannes

Com **quatro indicações ao Oscar**, 'O Agente Secreto' é uma **usina que revela a potência artística do povo nordestino**. Mas a **produção de elenco**, que pode nos dar uma estatueta, **tem DNA do subúrbio carioca**, mais precisamente **de Jacarepaguá**. Foi lá que nasceu e cresceu **Gabriel Domingues** que conta a **Rodrigo Fonseca** como foi **montar um elenco afinado** em torno do astro **Wagner Moura**.

Páginas 2 e 3